

A multifuncionalidade das vasilhas cerâmicas do alto rio Madeira (séculos X-XII d.C): comensalidade cotidiana e ritual

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2018.152040>

Angislaine Freitas Costa e
Denise Maria Cavalcante Gomes

🏠 *Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional,
Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, | Rio de Janeiro, RJ, Brasil*
✉ *angislainefc@gmail.com, denisecavalcante@yahoo.com*

RESUMO

Neste artigo, a cerâmica arqueológica do sítio Ilha Dionísio, localizado no alto rio Madeira, atual estado de Rondônia, é analisada em termos funcionais e pensada à luz das relações entre humanos e não humanos. A partir das amostras coletadas em pisos habitacionais, refugos secundários e estruturas funerárias datados entre os séculos X e XII d.C., delineou-se a noção de “multifuncionalidade” dos artefatos. A configuração espacial, bem como a padronização das vasilhas, demonstra e reforça a ideia de uma rede de interações no interior da comunidade, impulsionada por práticas coletivas, diretamente relacionadas a atividades de subsistência e rituais funerários envolvendo comensalidade. Esses aspectos, além de contribuírem para a construção e manutenção da socialidade indígena, parecem valorizar os laços comunitários, que se expressam por meio de elementos materiais e simbólicos do cotidiano, encontrados também nos espaços funerários.

PALAVRAS-CHAVE

Arqueologia
amazônica,
análise cerâmica,
comensalidade,
multifuncionalidade
e agência relacional.

THE MULTIFUNCTIONALITY OF THE CERAMIC VESSELS OF THE UPPER MADEIRA RIVER (10TH TO THE 12TH CENTURIES AD): DAILY COMMENSALITY AND RITUAL

ABSTRACT

In this article, the archaeological ceramics of Dionísio Island site, located in the Upper Madeira River, in the present state of Rondônia, is analyzed in functional terms and considered in the light of the relations between humans and nonhumans. The notion of multifunctionality of artifacts was outlined from the samples collected in housing floors, secondary refuse and funerary structures dating from 10th to the 12th centuries. The spatial configuration, as well as the standardization of the vessels, demonstrates and reinforces the idea of a network of interactions within the community, driven by collective practices and directly related to subsistence activities and funerary rituals involving commensality. These, besides contributing to the maintenance of society, seem to value the community bonds, expressed by material and symbolic elements of daily life also in the funerary spaces.

KEYWORDS

Amazonian Archaeology, Ceramic Analysis, Commensality, Multifunctionality, Conviviality, Relational Agency

INTRODUÇÃO

Na Amazônia, formas complexas de organização política e social pré-coloniais têm sido avaliadas em termos das evidências arqueológicas de sítios de habitação e cemitérios, onde comumente encontram-se vestígios comportamentais tanto do cotidiano, quanto de eventos especiais. Os exemplos mais conhecidos na literatura arqueológica são os de Marajó (Roosevelt, 1991; Schaan, 2003, 2004, 2007a, 2007b), Santarém (Gomes, 2002, 2008, 2017), Alto Xingu (Heckenberger, 2005; Heckenberger et. al. 2008), Maracá (Guapindaia, 2008), Aristé, Caviana, Aruã (Cabral e Saldanha, 2008), Guarita e Paredão (Py-Daniel, 2015; Machado, 2005; Moraes, 2013; Neves, 2012). As vasilhas utilizadas em contextos de enterramento, empregadas como urnas funerárias, têm sido interpretadas como artefatos confeccionados especialmente para esses fins cerimoniais, uma vez que apresentam padrões estéticos e tecnoestilísticos muito elaborados (decorações zoomorfas, antropomorfas ou pinturas abstratas).

Neste artigo, a análise do registro arqueológico contribui para pensar sobre os grupos que produziram vasilhas de uso cotidiano, classificadas geralmente como simples, e que posteriormente assumiram outras funções nos contextos cerimoniais. Essa reutilização, entendida a princípio como um uso secundário, de acordo com a conceitualização de Schiffer (1972, 1991), é aqui delineada como multifuncional. O que está em questão não são apenas os diversos usos que um mesmo artefato pode ter no âmbito das atividades de subsistência diária (Skibo, 1992, 2015), mas a possibilidade de evidenciar através dos diferentes contextos arqueológicos concepções relacionais, ligadas à partilha de alimentos no cotidiano e aos rituais funerários envolvendo comensalidade. A padronização

dos artefatos, associada aos dados contextuais, sugere a construção e manutenção de uma estabilidade social e de um modo de vida baseado nas práticas domésticas. Observou-se, portanto, que a ênfase dada às práticas do dia a dia, tais como cozinhar, fermentar bebidas, armazenar e transportar líquidos, também se expressa no contexto cerimonial (Costa, 2016).

A partir da operacionalização do conceito de *emaranhamento* (Hodder, 2014) e da *teoria ator-rede* (Latour, 2012 [2005]), o artigo discute as interações relacionais entre pessoas e objetos, que são compreendidas por meio da noção de comensalidade, cujas práticas vão muito além da subsistência e envolvem a manutenção de relações sociais (Costa, 2013; Dietler, 2001; Fausto, 2002, 2007; Gow, 1991; Vilaça, 1992, 1998, 2002). Essas relações recorrentes entre pessoas e as vasilhas do cotidiano são iluminadas e adquirem um sentido mais amplo no contexto amazônico quando confrontadas com as ideias de convivialidade, ou de uma socialidade construída no cotidiano (Overing, 1991, 1999, 2003; Overing e Passes, 2002).

Essas considerações só foram possíveis de serem feitas devido às escolhas metodológicas, envolvendo a condução de uma análise funcional da cerâmica. O que emerge, a partir dessa abordagem e dos dados contextuais do sítio Ilha Dionísio, são as práticas de subsistência do cotidiano, que no espaço funerário surgem novamente indicando a existência de cerimônias com a ingestão de bebidas e alimentos (Costa, 2016). De modo adicional, a etnografia de Overing constitui um aspecto que permite ampliar a reflexão sobre as relações de comensalidade, tratadas no interior da comunidade (1991, 1999, 2003). A escolha desse modelo da antropologia do cotidiano, associado a uma compreensão relacional dos objetos, reforça a explanação social das evidências arqueológicas que aponta para a multifuncionalidade dos artefatos, indicando a importância da comensalidade cotidiana e ritual.

É necessário ponderar que o uso da analogia etnográfica em arqueologia tem sido criticamente debatido ao longo da história da disciplina (Trigger, 2004 [1989]). Durante as décadas de 1960 e 1970 houve uma forte reação contra o estabelecimento dos paralelos etnográficos, por parte das vertentes teóricas processuais, de orientação anglo-saxônica. Binford (1967, 1968) justificou seu uso apenas para a formulação de proposições sobre o passado, a serem arqueologicamente testadas. Diversas críticas foram formuladas na década de 1970, no sentido de que as informações etnográficas poderiam mascarar a variabilidade (Wobst, 1978; Yellen, 1977). Por outro lado, certo consenso se estabeleceu na comunidade arqueológica, de que apenas a abordagem histórica direta seria passível de ser empregada quando houvesse continuidade histórica. As analogias gerais foram continuamente rejeitadas.

Em seguida, a agenda pós-processual que se coloca a partir dos anos 1980, ao criticar a busca de leis gerais do comportamento humano e enfatizar a com-

preensão dos contextos arqueológicos específicos, apontou os limites das interpretações baseadas em informações etnográficas (Hodder, 1983). Os arqueólogos de orientação científica, concentrados na coleta e análise de dados, mas distanciados das discussões teóricas, também se colocaram contra a analogia etnográfica (Ravn, 2011).

Nos anos 2000, novas reflexões teóricas demonstram uma abertura para se pensar positivamente o papel das inferências analógicas, como fonte de insights criativos na construção de interpretações arqueológicas. Wylie contraria os argumentos críticos à analogia como sendo falsa ou enganosa e propõe estratégias para avaliar e reforçar as interpretações (2002: 52-53). Seu objetivo é diminuir a incerteza que cerca a analogia como um modo de assimilação indiscriminada do passado ao presente. Outros debates ocorridos nas Ciências Humanas nos últimos dez anos também atingiram a disciplina arqueológica, dando espaço às discussões sobre as novas materialidades e promovendo o retorno às coisas – vistas como um conjunto heterogêneo de objetos, pessoas e outros não humanos. Esse movimento também abriu espaço para se pensar o uso da analogia etnográfica como um recurso legítimo, sobretudo tendo em vista as abordagens ontologicamente orientadas (Henare et al., 2007; Holbraad, 2009).

No âmbito de uma arqueologia interpretativa, construída a partir de uma abordagem indutiva, surgem propostas como a de Ravn (2011), que defende abertamente o uso da analogia etnográfica como fonte adicional de informação associada à teoria, a fim de inspirar os arqueólogos na construção de interpretações das evidências arqueológicas e dos processos culturais que ocorreram no passado. Segundo esse autor, é necessário ir além da busca de similaridades entre o registro arqueológico e os exemplos etnográficos, destacando a importância das diferenças observadas – ponto antes levantado por Binford (1967) – e privilegiando uma perspectiva diacrônica.

Essa nos parece uma sugestão pertinente ao entendimento da dinâmica histórica da região amazônica. A escolha do exemplo etnográfico dos Piaroa demonstra uma posição contemporânea sobre o uso da analogia acima proposto. Ao mesmo tempo em que se estabelece uma conexão entre o passado e o presente, por meio de uma analogia relacional, teoricamente informada, que postula a existência de estruturas semelhantes a partir da ideia de construção da sociedade através das relações do cotidiano (Wylie, 2002: 148), o registro arqueológico documenta de maneira inequívoca a existência de diferenças – por exemplo, práticas funerárias hoje inexistentes entre os grupos indígenas amazônicos.

Entre os Piaroa, a ênfase dada pelo grupo indígena à vida cotidiana e às atividades diárias envolve o conhecimento produtivo, que no entendimento indígena permite a construção e manutenção da comunidade, preocupada com o alto moral do grupo doméstico (Overing, 1991, 1999, 2003). Esse grupo indígena

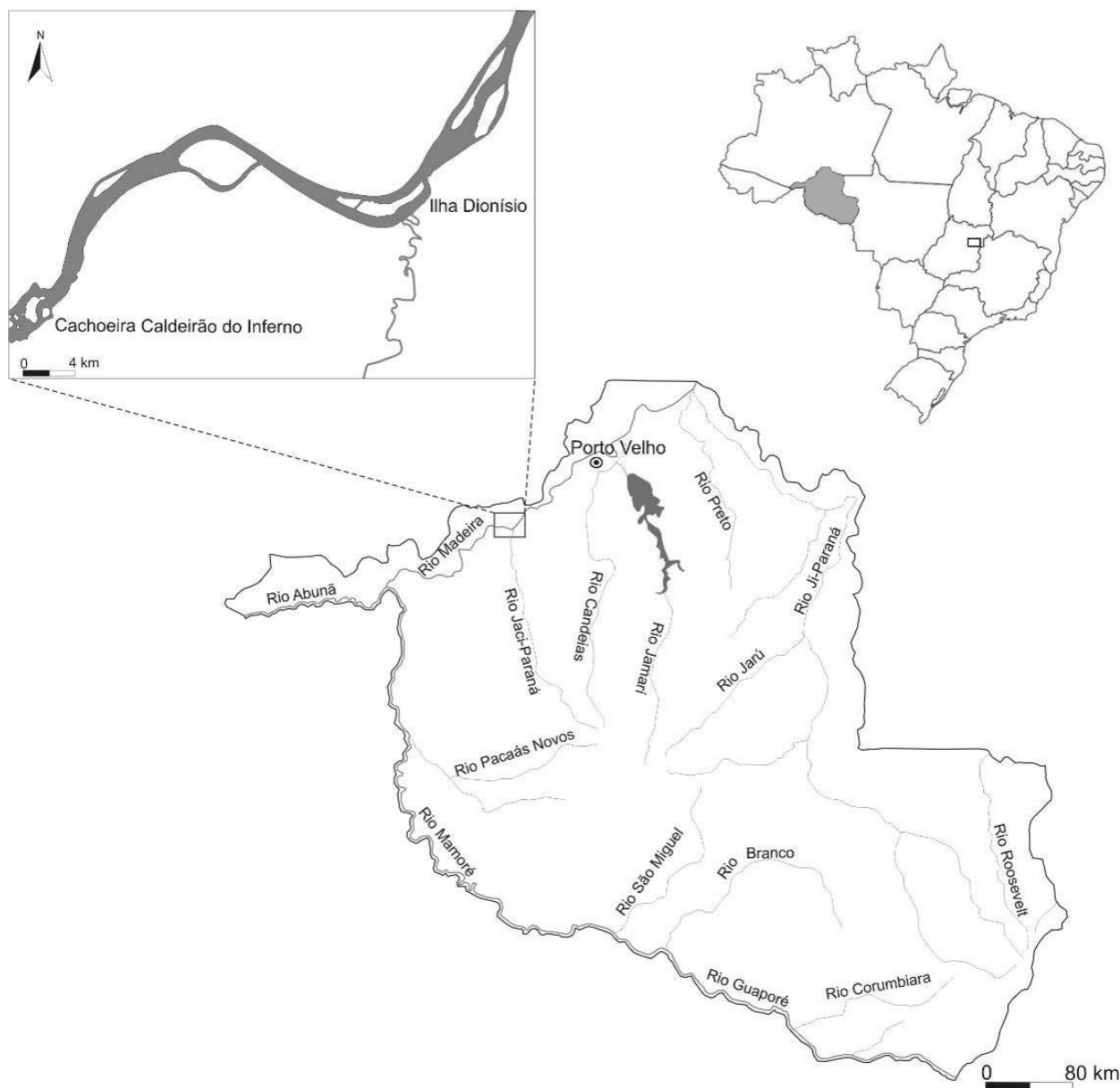
se destaca pela ausência de estruturas hierárquicas e de coerção, cuja estética valoriza a harmonia e a cooperação baseada nas relações de confiança, ligadas à convivialidade e à socialidade de práticas diárias (Overing e Passes, 2002). Nessa linha de pensamento, a comunidade de similares tem uma filosofia social que adquire sentido político e moral, segundo a qual esse povo amazônico valoriza a ação, bem como seus próprios costumes e a mutualidade dos laços comunitários. Neste artigo, os laços comunitários são pensados a partir do envolvimento ativo das vasilhas utilitárias, associadas tanto ao cotidiano como aos rituais de comensalidade, conforme será demonstrado adiante. Antes, apresentamos uma síntese das ocupações pré-coloniais na região de Rondônia, onde está inserida a área de pesquisa, e uma descrição dos contextos arqueológicos do sítio Ilha Dionísio.

AS OCUPAÇÕES PRÉ-COLONIAIS EM RONDÔNIA

O atual estado de Rondônia (Figura 1) constitui uma região de grande diversidade cultural, cujos sítios arqueológicos pré-coloniais retratam diferentes modos de vida indígenas. As ocupações pré-ceramistas, associadas à presença de caçadores coletores-pescadores, são as mais antigas e datam de 9000 anos AP. Tais ocupações são caracterizadas por sítios sambaqui, outros implantados em ilhas fluviais e em terraços adjacentes ao rio Madeira (Miller, 1983, 1992, 2009, 2013; Miller et al., 1992; Kipnis, 2011; Neves, 2012; Tizuka et al., 2013; Zuse, 2014; Plugliese et al., 2017).

Diferente de outros contextos amazônicos, existem evidências de espessas camadas de terra preta antropogênica associadas a artefatos líticos empregados no processamento de vegetais, que denotam sedentarismo, mas sem a produção de cerâmica, indicando ainda antigas práticas de agricultura. Essas são encontradas no sítio arqueológico Garbin, na margem esquerda do rio Madeira, próximo à cachoeira de Santo Antônio e nos sítios adjacentes ao rio Jamarí, sendo vinculadas à fase Massangana, datada entre 4.780 e 2.640 AP. Essa fase se distingue pela presença de artefatos líticos, tais como mãos-de-pilão, moedores, lâminas de machados, raspadores e lascas de quartzo (Miller Eurico, 2009, 2013; Kipnis, 2011). No sítio Teotônio, localizado nas proximidades da cachoeira homônima, esse tipo de ocupação data de 6.400 AP (Mongeló, 2016). Uma vez que as terras pretas mais antigas da Amazônia estão correlacionadas a populações pré-ceramistas (Miller, 2013; Neves, 2012), essas informações alteram os modelos explicativos tradicionais, baseados na ideia de que a transição do modo de vida de caçadores-coletores para agricultores seria marcada pela fabricação da cerâmica.

Localização da área de estudo: Ilha Dionísio



As ocupações ceramistas mais antigas da região estão localizadas nos sítios arqueológicos dos rios Ji-Paraná (Cruz, 2008; Zimpel Neto, 2009; Miller Eurico, 2009) e Guaporé (Miller, 2013; Pugliese et al., 2017). A cerâmica existente no sambaqui fluvial Monte Castelo por volta de 5.200 anos AP está associada a formações de montículos de terra, cuja economia de seus produtores era generalista. Posteriormente, no mesmo sítio, a partir de 4.200 AP, ocorre o uso intenso de conchas na construção do sambaqui, com a presença da cerâmica da fase Bacabal, formando espessas camadas arqueológicas. Essa cerâmica se distingue pelo uso de cauixi na pasta, sendo suas vasilhas decoradas com formas zoomórficas e antropomórficas, incisos e excisos (Miller Eurico, 2009, 2013; Zimpel Neto, 2009; Pugliese et al., 2017). Segundo os pesquisadores, nessa época os sambaqueiros

Figura 1
Localização da área de pesquisa em Rondônia (Elaborado por Angislaine F. Costa).

estavam investindo na monumentalidade do sítio e diversificando o manejo da paisagem, assim como cultivo de diferentes plantas, incluindo a domesticação de arroz selvagem (Pugliese et al., 2017; Hilbert et al., 2017). Outros sambaquis foram identificados no Guaporé, bem como sítios em áreas abertas de ilhas florestadas com cerâmica Bacabal, datada entre 4.050 e 700 AP (Miller Eurico, 2009, 2013: 349), cuja ocupação sugere a presença de grupos ceramistas sedentários, com economia de caça, pesca, coleta e agricultura.

No alto rio Madeira, os maiores sítios de terra preta são ocupados inicialmente por pré-ceramistas, que produzem artefatos líticos datados em 7.700 anos AP (Kipnis, 2011; Tizuka et al., 2013). Em alguns desses sítios multicomponentiais evidencia-se uma ocupação ceramista posterior, associada à cerâmica Pocó (Hilbert e Hilbert, 1980), que se estabelece a partir de 3000 anos AP, em sítios próximos às cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio (Figura 1), bem como na Ilha de Santo Antônio (Zuse, 2014). As vasilhas, temperadas com caraipé (cinzas de cascas de árvores silicosas) são pequenas, decoradas com pintura e tratamento plástico. Essas ocupações se distribuem em uma ampla área do alto rio Madeira, mas em alguns sítios não estão relacionadas à presença da terra preta, apresentando baixa densidade de material arqueológico. Os contextos descritos são bastante semelhantes às evidências Pocó encontradas na região de Santarém, datadas entre 3.000 e 1.800 AP, que do mesmo modo documentam ocupações esparsas e de baixa densidade, num solo de cor bruno, que não permitem outras inferências sobre o modo de vida dessas antigas populações (Gomes, 2011, 2017).

A partir de 1000 d.C., considerado um período de adensamento populacional, os sítios arqueológicos tornaram-se mais densos e maiores em todo o curso do rio Madeira, assim como no rio Guaporé. No baixo rio Madeira, foi identificada uma aldeia grande (40 ha), de formato circular, com espesso pacote de terra preta e presença de vala defensiva, datada entre 1.250 e 800 AP (Moraes e Neves, 2012). As vasilhas cerâmicas associadas à fase Axinim eram temperadas com cauixi e decoradas com técnicas pintadas e plásticas. Foram registradas urnas funerárias formalizadas, decoradas com apêndices zoomorfos. O conjunto dessas informações indica uma mudança de escala das sociedades anteriormente existentes, que aponta para uma maior complexidade social, com existência de conflitos armados entre essas e outras populações, correlacionadas aos portadores de cerâmica da Tradição Polícroma da Amazônia e, sugerindo, por fim, uma expansão regional com presença de chefias.

Nessa mesma época, grandes sítios no alto rio Madeira, adjacentes às cachoeiras do Teotônio e Santo Antônio e também em algumas Ilhas fluviais, foram datados entre 1.390 e 760 AP, tendo sido ocupados por grupos portadores de cerâmica classificada como Barrancoide, temperada com caraipé, decorada

com incisões, apliques, ponteados, superfícies bem polidas, brunidas e raramente com pinturas (Zuse, 2014; Pessoa, 2015). A presença dessa cerâmica na Amazônia é interpretada por Heckenberger (2001, 2005) como um correlato da existência de sociedades hierárquicas e regionais.

Além dessas, outras ocupações ceramistas contemporâneas também são reconhecidas. No rio Guaporé, grandes sítios de formato elipsoide, com espessas camadas de terra preta, foram identificados na margem direita. Seus ocupantes produziam cerâmicas classificadas como Pimenteiras, datadas entre 2.465 e 240 AP, e Corumbiara, datadas entre 1.655 e 195 AP, cuja pasta é composta por cauixi, com algumas vasilhas apresentando incisões e aplicações, além de figurações antropomorfas e de animais. Nos cemitérios situados dentro da aldeia os enterramentos empregaram fragmentos de vasilhas cerâmicas para cobrir o morto e, em alguns casos, pequenas vasilhas altamente decoradas foram utilizadas como acompanhamentos funerários (Miller, 1983).

De modo contrastante, em outros sítios do rio Madeira associados à Tradição Polícroma, os cemitérios ficavam fora das aldeias, com a presença de urnas decoradas com pintura vermelha e preta sobre branco, sendo algumas antropomorfas (com a cabeça circundada por uma tiara), zoomorfas e outras com motivos abstratos (Miller, 1992). Durante o período que antecede a colonização europeia, outras ocupações também relacionadas à Tradição Polícroma apresentam assentamentos circulares e montículos, sendo datadas entre 980 e 490 AP, as quais os pesquisadores têm classificado como cerâmica Jatuarana (Almeida, 2013; Zuse, 2014; Pessoa, 2015).

Esse quadro das ocupações pré-coloniais que se desenvolvem desde 9000 AP contribui para entender as diferentes formações sociais existentes na região de Rondônia, que se desenvolvem na longa duração. A partir de 1000 d.C. fica evidente o contexto de grande diversidade cultural, com adensamento populacional, indicadores de complexificação social e expressões materiais bastante distintas, no qual surge a cerâmica Dionísio, cuja ocupação é identificada até o presente momento em sítios arqueológicos de ilhas fluviais. As informações arqueológicas, a serem apresentadas a seguir, permitem reconstruir o modo de vida dos ocupantes do sítio Ilha Dionísio e pensar sobre as interações entre as pessoas e os objetos.

EVIDÊNCIA ARQUEOLÓGICA DE UMA ALDEIA NA ILHA DIONÍSIO

O sítio arqueológico Ilha Dionísio encontra-se hoje impactado pelo lago da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio. Está localizado em uma ilha fluvial no alto Madeira, a 80 km da cidade de Porto Velho e cerca de 35 km a jusante da cachoeira Caldeirão do Inferno, precisamente junto à foz do rio Jaci-Paraná,

afluentes pela margem direita do rio (Figura 1). A identificação e a escavação desse sítio foram realizadas no âmbito do projeto “Arqueologia preventiva nas áreas de intervenção da usina hidrelétrica de Santo Antônio”, desenvolvido pela Scientia Consultoria.

Foi realizada uma prospecção sistemática com abertura de *transects* (linhas) radiais ou paralelos, traçados a partir das concentrações de vestígios arqueológicos até cobrir toda a área investigada (Scientia, 2010). Este é um método probabilístico, que permitiu verificar a distribuição dos artefatos em intervalos regulares de 100 em 100 metros no sentido norte, sul, leste e oeste. Após a identificação dos sítios, o mesmo método ajudou a definir os limites do assentamento e a forma antiga da aldeia (semicircular) por meio de uma malha menor, com intervalos de 20 em 20 metros, no sentido norte, sul, leste e oeste. A partir das densidades de material arqueológico foram selecionadas possíveis áreas de atividades.

Ao constatar o alto potencial arqueológico do sítio, com presença de material cerâmico e lítico, bem como pedrais com gravuras e feições de polimento, a segunda etapa da pesquisa consistiu nas escavações, com a abertura de quadras de 1 m² em níveis artificiais de 10 cm, em áreas que apresentaram maior e menor densidade de material arqueológico. Além disso, foram realizadas escavações de superfícies amplas nos setores funerários norte e sul, com a presença de vasilhas inteiras e semi-inteiras (Figura 2). As informações sobre a coloração e textura do sedimento também foram registradas, bem como a presença de bioturbações. Nesse sentido, o registro arqueológico é visto como uma formação resultante de fatores culturais e naturais que passa por diversos processos pós-deposicionais (LaMotta e Schiffer, 1999; Schiffer, 1972).

Duas ocupações foram identificadas na área do sítio, sendo a primeira caracterizada por uma camada com baixa densidade de material arqueológico, sedimento de cor mesclada entre bruno amarelado e branco (10 YR



Figura 2
Vista ampla do Setor Norte-funerário – com estruturas e vasilhas depositadas, lâminas de machados e adornos líticos (Foto: Scientia, 2011).

6/8 e 2.5 YR 9/4), com a presença de material cerâmico que exhibe afinidades com a fase Pocó, datada em 2.851 AP. Este tipo de cerâmica também é encontrado a jusante do sítio Ilha Dionísio (Zuse, 2014). A segunda ocupação se distingue por uma camada com alta densidade de material arqueológico, sedimento escuro (10 YR 4/2), com espessura que varia entre 60 a 80 cm de profundidade, associada à presença de material cerâmico e lítico, datada entre 1.005 e 780 AP ou entre os séculos X e XII d.C.

O material investigado é referente a essa segunda ocupação, que apresentou um contexto bem preservado, com vasilhas inteiras e semi-inteiras *in situ* associadas a artefatos líticos (Figura 2). A distribuição espacial do material identificado nas extremidades norte e sul da aldeia são de atividades cerimoniais, enquanto a parte central, a mais elevada do sítio, estaria sendo usada como habitação, com a presença de refugio secundário (Scientia, 2011).

A análise cerâmica desenvolvida apresentou dados relacionados às práticas diárias do grupo que habitou o sítio Ilha Dionísio (Costa, 2016). Essa verificou que além de diferenças tecnológicas do material cerâmico, também houve um tratamento diferenciado em relação às escolhas dos espaços destinados aos enterramentos. Nos sítios localizados entre as cachoeiras de Santo Antônio e Teotônio, as urnas funerárias foram evidenciadas no contexto de habitação, ou distantes da aldeia cerca de 3 km (Miller, 1987, 1992; Zuse 2014; Pessoa, 2015). Já no caso do sítio Ilha Dionísio, as duas áreas cerimoniais foram identificadas nas extremidades da aldeia, no sentido norte e sul, e após as análises do material cerâmico constatou-se que existia uma relação desses espaços com as estruturas domésticas, por conta da reutilização das vasilhas.

O sítio Ilha Dionísio é um dos poucos sítios no rio Madeira que apresenta em sua forma de assentamento a utilização dos espaços bem definidos por uma composição específica dos vestígios cerâmicos. Essa configuração permitiu prontamente identificar duas áreas de cemitérios associadas a outras três áreas domésticas, pertencentes ao mesmo grupo (Figura 3).

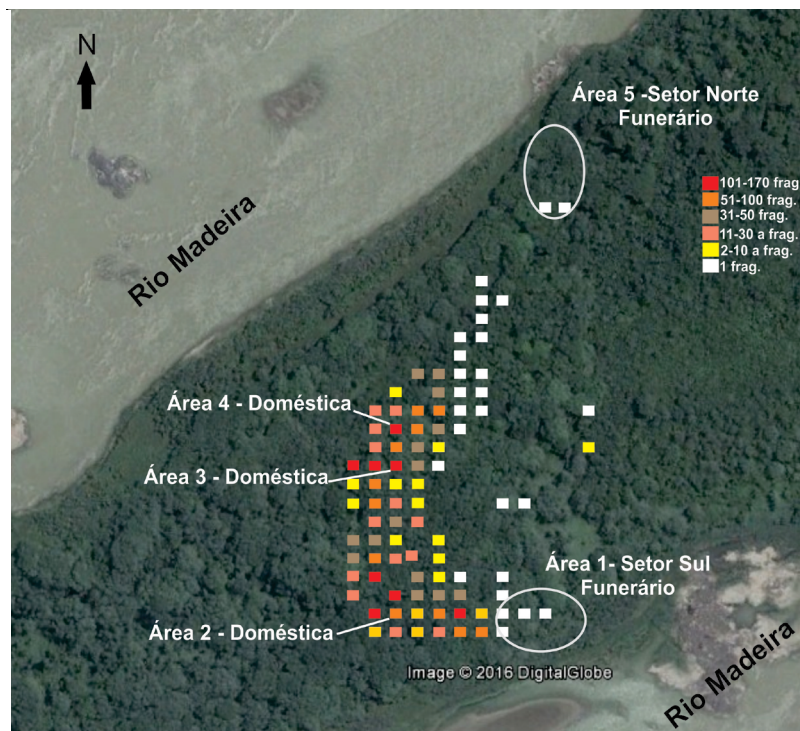


Figura 3
Vista ampla do Setor Norte–funerário – com estruturas e vasilhas depositadas, lâminas de machados e adornos líticos (Foto: Scientia, 2011).

AS CARACTERÍSTICAS DA CERÂMICA

Na Amazônia, alguns trabalhos têm buscado classificar e entender os padrões de uso da cerâmica pré-colonial, a fim de abordar questões relativas à organização sociopolítica (Gomes, 2002, 2008, 2017; Schaan, 2004, 2007b). No caso do sítio Ilha Dionísio, além dos fragmentos cerâmicos, também foram analisadas vasilhas inteiras e semi-inteiras provenientes dos setores funerários. As análises realizadas estiveram voltadas para a observação de características tecnológicas, decorativas, formais, além da identificação da capacidade volumétrica e de marcas de alteração de uso (fermentação, fuligem, depósito de carbono, marca d'água). A partir dos agrupamentos produzidos foi possível identificar categorias funcionais (cozinhar, fermentar bebida, armazenar etc.), possibilitando entender a relação dos possíveis usos das vasilhas em contexto doméstico e posteriormente suas funções em atividades cerimoniais.

A análise morfológica permite estabelecer unidades de comportamentos, uma vez que só a análise de fragmentos isolados inviabiliza propor hipóteses acerca das atividades sociais de um determinado grupo. A forma da vasilha é essencial para a compreensão do uso da cerâmica no contexto sistêmico (Shepard, 1956; Skibo, 1992). Sabe-se que a inferência funcional é uma tarefa difícil, quando comparada a pesquisas etnográficas ou etnoarqueológicas, realizadas entre culturas vivas. As formas e suas reconstituições permitem uma quantificação mais segura dos artefatos, a fim de viabilizar a descrição do material, com a observação dos padrões tecnológicos, das regras estruturais de confecção (Raymond, 1995), da variabilidade e alternância formal dos conjuntos de vasilhas, sendo que esses últimos consistem em indicadores que na maioria das vezes estão ligados a funções distintas (Rice, 1987; Skibo, 1992, 2015).

Rice assinala que é importante definir a forma da vasilha (mesmo que seja hipotética) e argumenta que somente informações referentes à morfologia da borda e ao diâmetro da abertura da boca não constituem resultados suficientes para diferenciar atividades funcionais, sendo necessário saber além da forma o volume (capacidade) do recipiente (1987). La Salvia e Brochado também apontam esse dado como elemento importante na utilização do artefato (1989: 132). Por exemplo: as vasilhas rasas e com boca aberta atribui-se a função de artefatos utilizados para servir alimentos sólidos e pastosos. Portanto, as formas inteiras existentes no registro arqueológico e as hipotéticas geradas por reconstrução gráfica são elementos fundamentais neste artigo para pensar áreas de atividades e entender sua organização relacional (forma-uso-produção).

As cerâmicas analisadas apresentam uso intensivo do tempero de cauxi (espículas de esponja de água doce) nas pastas utilizadas para produção das vasilhas. A superfície é polida ou bem alisada. O sistema de classificação empre-

gado estabeleceu dezesseis formas de vasilhas diferentes, a partir dos dados de estrutura, tipo de contorno e forma correlacionada a sólidos e superfícies geométricas (Shepard, 1956). Após essa etapa, foram sugeridas categorias funcionais hipotéticas relativas a atividades domésticas (cozinhar, fermentar bebida, armazenar, transferências de líquidos e serviço) baseadas nas formas, capacidade volumétrica e marcas de alteração de uso. Para complementar as análises funcionais utilizou-se o cálculo de volume da vasilha, documentando-se as capacidades que variam entre 1,0 e 133,4 litros (Figura 4). As que apresentaram grandes capacidades (60,0 a 133,4 L) são vasilhas abertas, com paredes retas e cerca de 70 cm de altura. Já vasilhas com gargalos e formas esféricas possuem média capacidade (10,0 a 40,0 L). De acordo com o gráfico abaixo (Figura 4), a maior frequência da amostra analisada (34,1%) consiste em vasilhas para serviço, de formato semiesférico, de calota esférica, elipsoide e cilíndrico, com 0,1 a 1,0 litro de capacidade volumétrica.

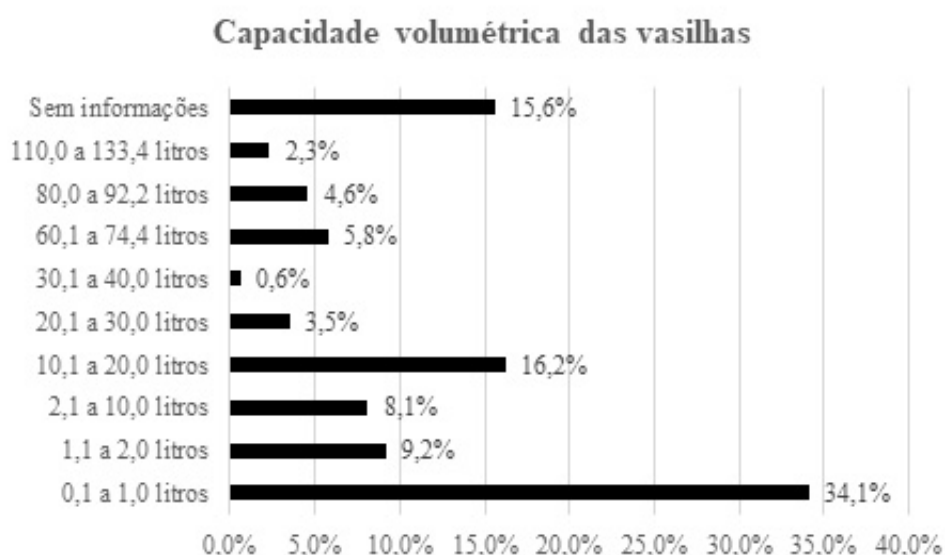


Figura 4
Distribuição das capacidades volumétricas das vasilhas.

A partir dos resultados das análises foram feitas comparações dos padrões de uso das vasilhas com os dados contextuais, o que possibilitou estabelecer uma relação das práticas de subsistência com as práticas funerárias (Costa, 2016). A seguir serão apresentados os prováveis usos desses artefatos em contexto doméstico e depois em contexto ritual nos espaços funerários.

O USO DA CERÂMICA NO COTIDIANO

A cerâmica é uma ferramenta amplamente utilizada por diversos grupos indígenas na Amazônia pré-colonial, sendo que essa constitui a maior parte do registro arqueológico dos sítios conhecidos. As vasilhas utilitárias são empregadas

em atividades ligadas à cocção, processamento de alimentos, armazenamento, fermentação de bebidas, transporte, transferência de líquidos e serviços (uso individual e coletivo). Na área do sítio analisado foram identificados todos os tipos de vasilhas utilizadas para essas atividades. Nas três áreas classificadas como domésticas observou-se que algumas dessas vasilhas apresentavam alguma atividade diferente da outra.

Na área dois da aldeia, localizada próxima ao setor sul funerário, de frente para o rio Madeira (Figura 3), foram evidenciadas vasilhas para servir com capacidades volumétricas entre 0,1 e 2,0 litros, relacionadas às formas 13 e 14 (Figura 5). Por se tratar de uma área periférica do setor habitacional, próxima a rochas com gravuras e marcas de polimento (Scientia, 2011), acredita-se ser esse um espaço dedicado à produção de ferramentas líticas e que as vasilhas encontradas seriam utilizadas para o consumo de bebida e/ou comida durante o período das atividades de produção.

Na área três (Figura 3), foram encontradas evidências de atividades intensas nas áreas de habitação, como cocção de alimentos, realizada em vasilhas abertas, com capacidades volumétricas entre 1,1 e 20 litros, sendo essas relacionadas às formas 1, 2, 3, 4 (Figura 5). Na maior parte dessas vasilhas, a partir de critérios discutidos por Skibo (1992) identificou-se na superfície externa fuligem e marcas de água na parte interna (evidência de cozimento com água), principalmente nas formas 1 e 2. Os ocupantes dessa área, além de realizarem atividades de cocção, também estavam processando alimentos em vasilhas com formas abertas, associadas com as formas 5, 6, 7 e 8 (Figura 5). A forma 8 é conhecida como assador na literatura arqueológica e pode ser atribuída a atividades relacionadas ao preparo de farinhas e elaboração de beiju no dia a dia (Gomes, 2008; Silva, 2003). Para armazenar ou fermentar bebidas provavelmente utilizaram vasilhas abertas, com capacidades volumétricas entre 60,0 e 92,2 litros (Figuras 1 e 5).

Outros elementos importantes encontrados nessa área correspondem à produção local de artefatos cerâmicos assinalados pela identificação de restos de bolotas de argilas (com diferentes antiplásticos) e roletes, bem como bastante carvão (Costa, 2016). A partir dessas informações fica claro o uso intenso do local para atividades de processar alimento, cozinhar e armazenar, bem como da produção local dos artefatos cerâmicos. Esse tipo de evidência também é encontrada nas pesquisas etnoarqueológicas realizadas entre os Shipibo-Conibo (Deboer e Lathrap, 1979: 121).

Na área quatro, também habitacional, seus ocupantes realizaram atividades de cocção com vasilhas de capacidades entre 1,1 e 30,0 litros. As formas são as mesmas identificadas na área três (Figura 3). Além dessas, foram encontradas vasilhas para armazenar ou transportar líquidos com capacidades entre 10,0 e 30,0 litros.

Vasilhas para consumo de bebidas fermentadas também foram encontradas nessa área, apresentando marcas de fermentação na parte interna e pintura na superfície externa. O uso está relacionado à vasilha aberta correlacionada à forma 16 (Figura 5). Assim como na área três, essa também estava associada a muito carvão, bolotas de argila e sementes carbonizadas no pacote arqueológico. No entorno da habitação foram identificadas palmeiras de urucuri.

Silva, em estudos etnoarqueológicos, assinala que entre os Asurini do Alto Xingu (grupo de língua Tupi), os grupos domésticos estão relacionados principalmente a atividades de produção e processamento de alimentos, bem como armazenagem. Tais atividades envolvidas nesses grupos domésticos possibilitaram compreender o espaço especializado de produção econômica e artesanal dentro da aldeia, que compreende a intensificação da produção de vasilhas (Silva, 2003: 153).

As áreas elencadas no setor habitacional na Ilha Dionísio forneceram dados para compreender a dinâmica dos grupos domésticos. A alta frequência de vasilhas esféricas abertas, com capacidade de 10,1 a 20,0 litros e de 20,1 a 30 litros, sugere ênfase no preparo de alimentos cozidos, confirmada também pela marca d'água e fuligem na maioria das peças classificadas como vasilhas de cocção. Esses dados possibilitam pensar em um número grande de pessoas, levando-se em conta o consumo do conteúdo interno. Em relação a atividades de cocção, também são encontradas vasilhas de diferentes capacidades associadas ao preparos de outros alimentos que vão diretamente ao fogo. Outra evidência que leva a pensar em grupos extensos são as vasilhas para armazenar com capacidades de 60,0 a 133,4 litros. Nessas, possivelmente estariam armazenando comida, bebida fermentada e água. Migliaccio apresenta essa mesma interpretação para vasilhas com grandes capacidades volumétricas para a cerâmica da fase descalvados, no Pantanal Matogrossense (2006).

Desse modo, a análise tecnológica, funcional e contextual consiste na primeira etapa para compreender os processos sociais envolvidos na produção e consumo de alimentos e bebidas em sociedades do passado pré-colonial (Gomes, 2008). Com a identificação da padronização tanto de confecção como de uso, constata-se que as habilidades técnicas foram amplamente compartilhadas pelo grupo ao longo de 200 anos. A ênfase foi dada à produção de vasilhas para cozinhar alimentos e fermentar bebidas.

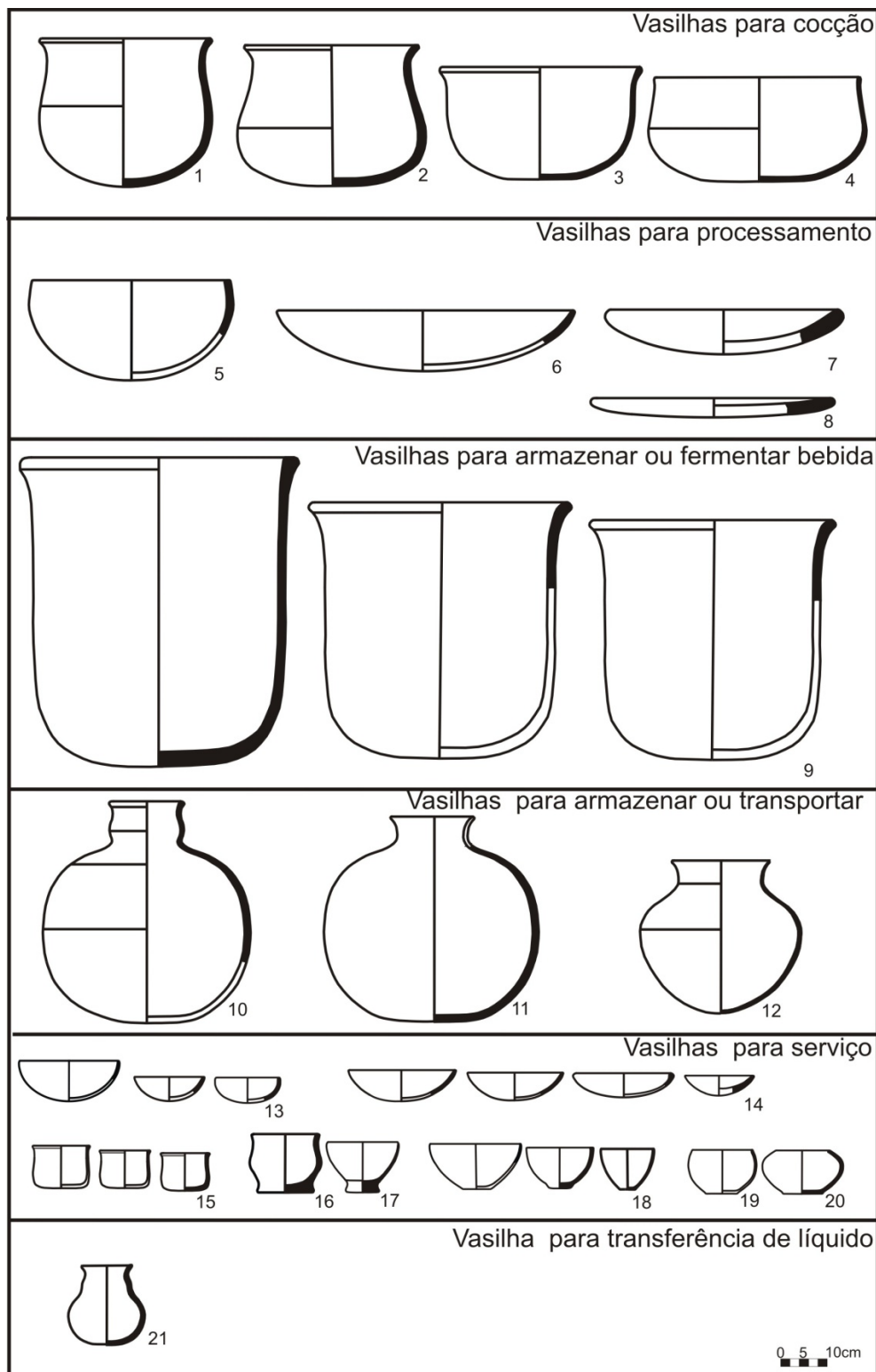


Figura 5
Formas cerâmicas e suas
categorias funcionais
(desenhos elaborados por
Angislaine F. Costa).

O USO DA CERÂMICA NO RITUAL FUNERÁRIO

Durante as análises, observou-se que as vasilhas utilizadas no cotidiano são as mesmas empregadas nos contextos funerários. A produção de vasilhas específicas para fins cerimoniais não foi identificada, como é o caso das urnas Marajoara (Roosevelt, 1991; Schaan, 2004, 2007b), Maracá e Aristé do Amapá (Cabral e Saldanha, 2008) e das urnas Guarita na Amazônia Central (Moraes, 2013). As urnas antropomórficas, zoomórficas e com pinturas altamente elaboradas são vistas como artefatos cerimoniais empregados para simbolizar o status social do indivíduo, podendo esse ser um xamã, líder ou pessoa pertencente a linhagens elevadas (Guapindaia, 2001, 2008; Schaan, 2007b). As sociedades que habitaram a Ilha de Marajó foram interpretadas como politicamente centralizadas e hierarquizadas, dado que faziam uso de artefatos decorados para legitimar as novas estruturas de poder e prestígio, bem como para o culto aos ancestrais e seres sobrenaturais ligados aos mitos. Logo, era necessário um grupo de pessoas especializadas na confecção desses artefatos (Roosevelt, 1991; Schaan, 2004, 2007a, 2007b).

Sítios cemitério foram identificados em áreas da região do Suriname, Guiana Francesa e norte do Amapá (Van den Bel, 2015: 38-41), sendo definidos como contextos de estratificação social e veneração aos ancestrais, devido à diversidade de enterramentos encontrados, alguns em urnas globulares, outros em urnas antropomórficas contendo símbolos que poderiam ser dos caciques ou fundadores das aldeias, além de outros em vasilhas simples e abertas. Nos sítios do litoral das Guianas os cemitérios estariam separados da aldeia, enquanto em outras áreas encontravam-se dentro da área de habitação, cujos cemitérios afastados são interpretados pelo autor como marcadores territoriais ligados aos ancestrais.

No sítio Ilha Dionísio, conforme mencionado, não existem evidências de manufatura de objetos exclusivamente utilizados para fins rituais. As vasilhas de uso doméstico, principalmente as de atividades de cocção, armazenamento/fermentação de bebidas e transporte (Figura 6), assumiram papéis de objetos rituais (Costa, 2016). Tal contexto é similar ao que ocorre na fase Descalvados, no Pantanal do Mato Grosso, em que Migliaccio (2006) afirma identificar uma recriação do universo cotidiano nos enterramentos. No sítio Terra Preta (1320-910 AP), uma aldeia associada a uma ocupação da Tradição Incisa e Ponteadada, na região de Santarém, PA, Gomes também identifica uma vasilha em contexto funerário que teria sido utilizada para fermentar bebida, cozinhar alimentos e que depois foi reutilizada como urna funerária, classificando assim a vasilha como multifuncional (2008: 169).

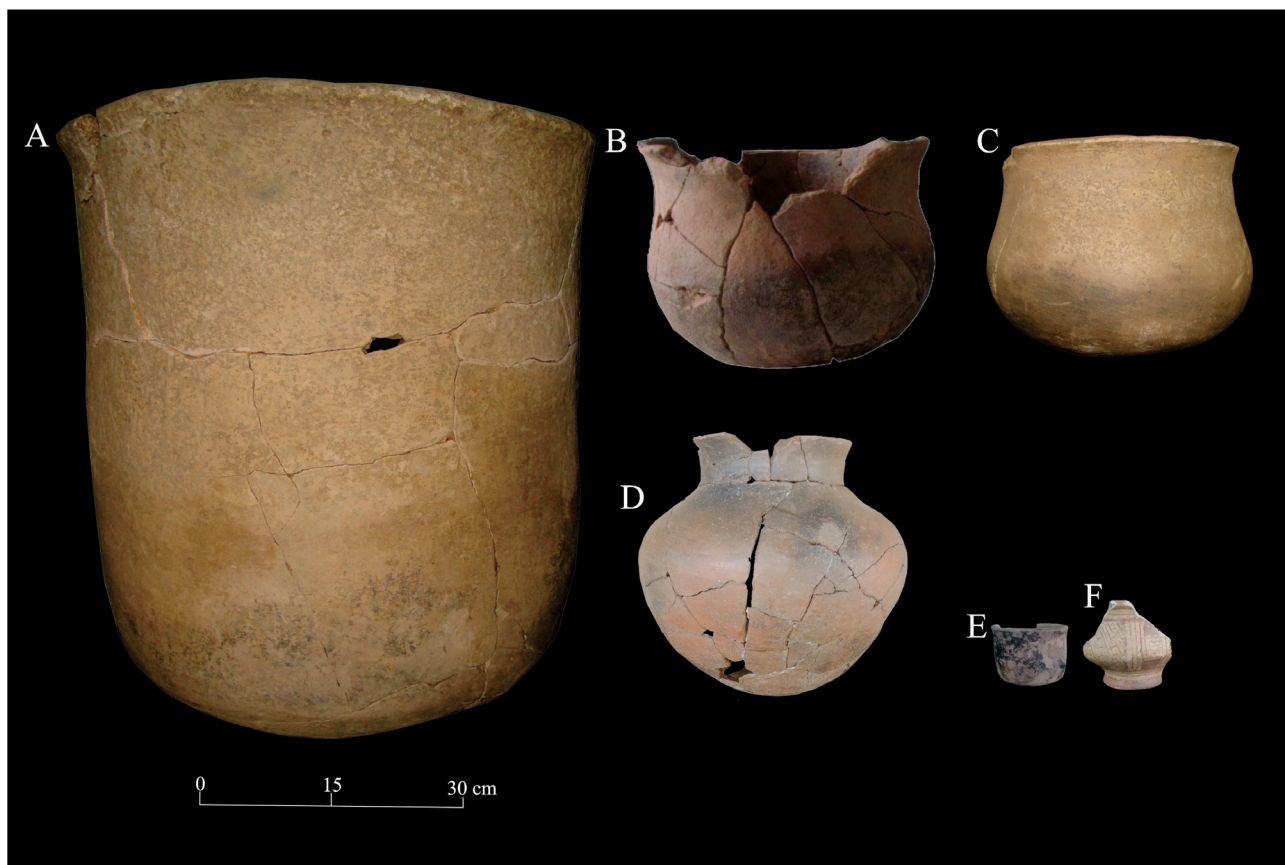


Figura 6
Formas cerâmicas e suas categorias funcionais (desenhos elaborados por Angislaine F. Costa).

Entre os Guarani, Noelli (1993: 101) assinala que as vasilhas para enterramento secundário são as mesmas que foram utilizadas para cozinhar alimentos, fermentar bebidas e depositar água. Ao compararmos esses casos, observa-se que a reutilização das vasilhas do cotidiano em contextos funerários tem sido registrada na literatura arqueológica, indicando uma recorrência desse comportamento associado a determinados tipos de sociedades. O presente artigo chama a atenção para os significados dessa reutilização, o que será discutido adiante.

No sítio Ilha Dionísio, o uso ritual da cerâmica em contexto funerário é caracterizado pelo emprego mais frequente de vasilhas abertas com corpo cilíndrico, originalmente empregadas para armazenar ou fermentar bebida, com capacidades volumétricas de 110,0 a 133,4 litros (Figura 5). Essas são utilizadas como urnas de modo mais recorrente. Em alguns casos, constatou-se que essa forma de vasilha foi quebrada e seus fragmentos usados com a função de tampa (Costa, 2016). Vasilhas abertas de corpo esférico, semiesférico ou elipsoide, cujo uso primário esteve associado à cocção de alimentos com capacidades volumétricas de 20,0 a 40,0 litros, foram usadas como urna, sendo que outras parecem assumir o papel de oferenda. Em menor frequência foram identificadas vasilhas em meia esfera ou em forma de calota usadas para serviço, bem como vasilhas com gargalo, empregadas para transporte e transferência de líquidos (Figura 6). Os arranjos dos setores funerários levam a pensar que os mesmos padrões de refeições comunitárias, em

situação doméstica, existiram durante os rituais de enterramento (Figura 7).

No setor sul funerário, além das vasilhas cerâmicas também ocorre uma estrutura de seixos sem marcas de uso e um adorno corporal (Scientia, 2011). A estrutura I apresenta um contexto em que uma vasilha que teria servido originalmente para transportar ou armazenar, passou a ser um receptáculo para conter ossos cremados. A mesma foi intencionalmente emborcada no interior de outra vasilha, que era utilizada para fermentar bebida. Os fragmentos usados para tampar, também intencionalmente quebrados, são de vasilhas para armazenar ou fermentar bebida e de um assador.

Na estrutura II todos os fragmentos estavam intencionalmente quebrados, mas durante a análise foi reconstituída a forma de uma vasilha destinada ao transporte ou armazenamento de líquidos, bem como vasilhas pequenas para serviço. Na estrutura IV, uma vasilha empregada para cocção foi usada como urna, sua tampa era um recipiente para fermentar ou armazenar líquidos.

No setor norte funerário, também foram identificadas associações das vasilhas de uso cotidiano em contexto ritual, de forma similar ao verificado no setor sul funerário (Figura 7). No entanto, ao plotar todas as vasilhas que foram encontradas em situação de uso ritual, constatou-se um alinhamento no sentido noroeste/sudeste. No baixo rio Madeira, Eurico Miller também identificou esse padrão de alinhamento, contudo, as vasilhas eram antropomórficas e confeccionadas para fins cerimoniais (1987, 1992).

O alinhamento das urnas está relacionado a vasilhas para armazenar ou fermentar bebidas, que também foram cobertas por outros fragmentos de vasilhas. Assim como no contexto funerário do setor sul, ocorrem estruturas de seixos, adornos, ferramentas líticas, e lâminas de machado. Todo o material apresenta evidências de que houve uma preocupação na organização dos artefatos durante os rituais.

Em um contexto específico do setor norte funerário, observou-se a relação de uma vasilha para cozinhar com outra para fermentar bebida, juntamente com artefatos para processar alimentos e servir (Figura 8). Todas essas estavam organizadas juntas e associadas a uma fogueira. A hipótese é que durante o ritual houve ingestão de comida e bebida fermentada, como ocorre em alguns rituais de grupos indígenas na Amazônia.

Após todas as análises, ficou claro que os objetos de uso doméstico que assumiram funções em contextos cerimoniais relativos à ingestão de bebidas e consumo de alimentos, depois cumpriram diferentes papéis, ora como urna, ora como tampa ou acompanhamento, seja pessoal ou oferenda. A partir desses dados, foi possível evidenciar a multifuncionalidade dos artefatos cerâmicos.

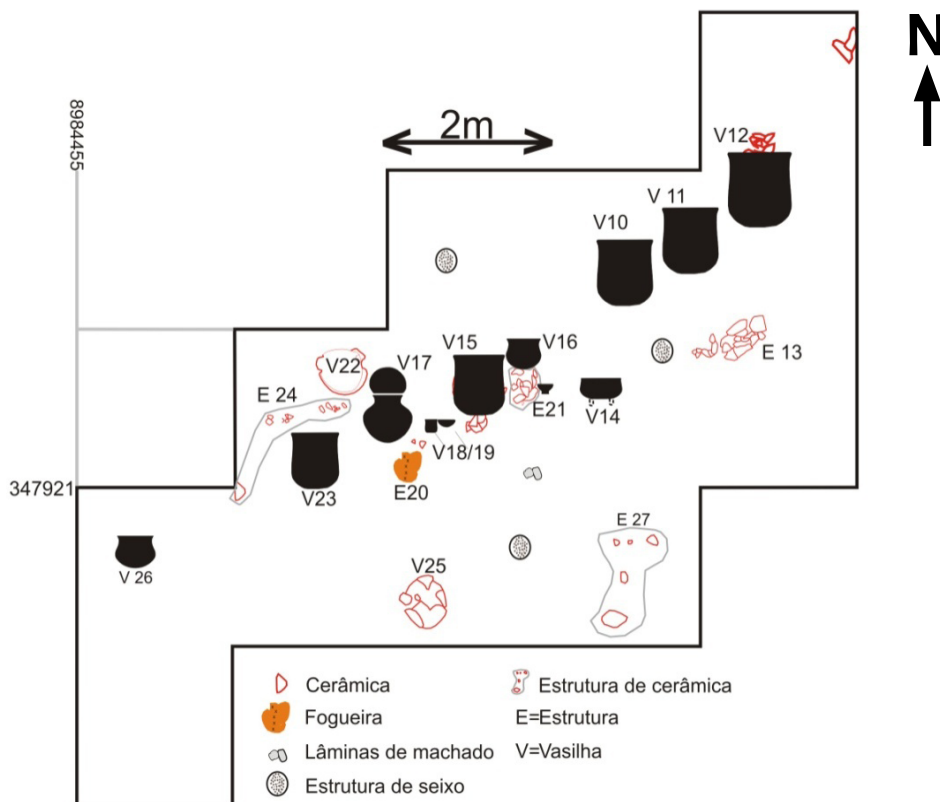


Figura 7
Formas de vasilhas utilizadas nos contextos cerimoniais do setor norte funerário (Costa, 2016).
Desenho: Diogo Quirino
Arte Final: Angislaine Freitas, 2015

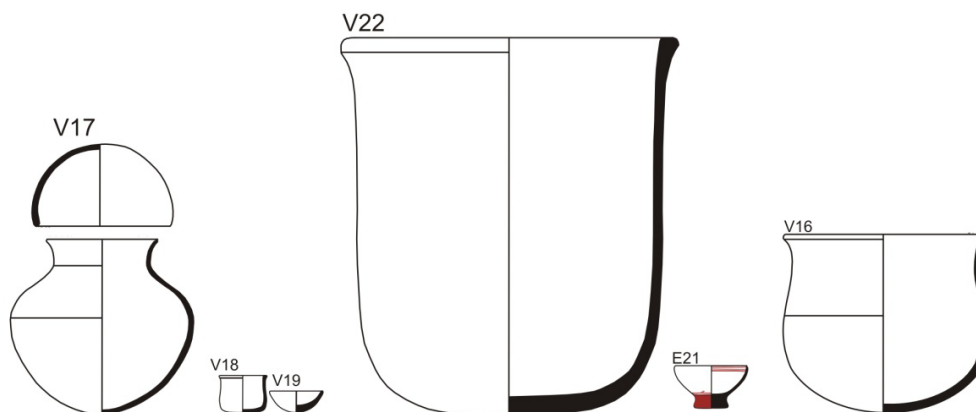


Figura 8
Formas empregadas para enterramentos (V22, V17) e artefatos que serviram para ingestão de bebida (E21) ou comida durante o ritual funerário (V18, V19), bem como para o preparo de alimentos (V16) (Costa, 2016).

CONEXÕES ENTRE PESSOAS E COISAS: EMARANHAMENTO E AGÊNCIA RELACIONAL

A inovação teórica de Gell (1998), por meio da proposição de uma agência não humana, demonstrou, a partir de uma visão centrada nas relações mutuamente construídas, como os objetos podiam afetar as pessoas. Essa discussão, no interior da antropologia, contribuiu para o estudo das coisas enquanto pessoas (Santos-Granero, 2009; Latour, 2012 [2005]). Por outro lado, o postulado inicial do perspectivismo como teoria do pensamento ameríndio, elaborada com base

em diversos exemplos etnográficos, enfatizava as relações entre seres humanos e animais (Viveiros de Castro, 1996, 2002; Lima, 1996). Com o passar do tempo e o surgimento de novas etnografias, interações com outras subjetividades, a exemplo dos corpos celestes e dos objetos, vem sendo evidenciadas (Viveiros de Castro, 2012). A coletânea organizada por Santo-Granero (2009) reuniu diferentes trabalhos que defendem a ideia de existência de uma socialidade dos objetos, levando-se em conta as concepções nativas dos povos da Amazônia (Barcelos Neto, 2009; Hugh-Jones, 2009; Lagrou, 2009; Miller, 2009).

Na arqueologia, as análises que perpassam a perspectiva processual e funcionalista utilizam os artefatos arqueológicos para produzir inferências acerca da produção e uso dos mesmos. Ou seja, os objetos são confeccionados e utilizados pelos seres humanos. Thomas argumenta que a arqueologia pós-processual, ao tentar compreender o homem como ser ativo, esqueceu-se de verificar como esse lidava com o ambiente (2015). Nessa perspectiva, os animais e as coisas foram considerados inertes, sendo pensados apenas como símbolos e representações. Essa visão antropocêntrica vem sendo contestada por arqueólogos que partilham de abordagens teóricas ontologicamente orientadas, produzidas num momento de emergência de um outro paradigma na antropologia e na arqueologia – a chamada virada ontológica. Tais abordagens buscam superar a ontologia ocidental de caráter dualista e propor uma compreensão mais simétrica da produção do conhecimento (Alberti, 2013; Alberti e Marshall, 2009; Bray, 2009; Gomes, 2017; Robb, 2010; Swenson, 2015).

Hodder, cujo enfoque é essencialmente materialista e por isso distinto das abordagens ontológicas, ao definir o conceito de *emaranhamento*, argumenta que as pessoas e as coisas são relacionalmente produzidas, o que decorre da soma de quatro tipos de relações existentes: 1) seres humanos que dependem de coisas; 2) coisas que dependem de outras coisas; 3) coisas que dependem dos humanos; e 4) humanos que dependem de outros seres humanos (2014: 20). Essa teoria geral defende que a relação entre pessoas e coisas é focada na dependência, sendo essa dividida em dois tipos. O primeiro é referente à necessidade que os humanos têm das coisas para viver, socializar, comer e pensar; e o segundo consiste em utilizar as coisas como ferramentas e símbolos para constituir o sujeito e moldar a sociedade. Essas dependências, segundo o mesmo autor, resultam no entrelaçamento, ou seja, uma dialética entre pessoas e coisas que se prendem uns aos outros.

De acordo com Hodder, a abordagem relacional envolve mais do que uma rede de seres humanos e coisas (2014). Ele critica a visão de Latour, que defende a interconexão dos humanos e não humanos em um processo simétrico (2012 [2005]). Para o autor, o emaranhamento leva a uma relação de codependência para alcançar uma estabilidade, e cada vez mais torna a relação assimétrica en-

tre pessoas e coisas. Tanto Latour, quanto Hodder defendem a ideia de que não é possível separar pessoas e coisas quando se tenta compreender as relações sociais, uma vez que os objetos fazem parte da vida cotidiana e participam das relações como mediadores de ação, adquirindo agência.

Latour, ao tratar da semiótica da materialidade que conduz à agência material, define a Teoria Ator-Rede (ANT) como movimento, transformação e registro. Essa é constituída por diferentes atores que atuam na organização social (actantes). Um deles é de interesse para este artigo, sendo nesse caso os objetos (não humanos). O autor argumenta que relações sociais são construídas a partir da relação existente entre objetos e pessoas. Partindo deste pressuposto, os materiais podem ser interpretados como ativos em uma comunidade, e junto com os humanos são responsáveis por uma ação. Portanto, a identificação das conexões entre os objetos e pessoas, bem como os laços sociais que se forjaram momentaneamente, podem ser explicados em termos dos significados que sua produção e uso tiveram na interação com os seres humanos.

DeMarrais sustenta que, por meio da noção de agência dos objetos, foi possível compreender a materialização de diversas tradições culturais, aqui entendida como um processo ativo e reflexivo de expressão concreta de ideologias e do conhecimento, por meio do qual ideias, valores, histórias, mitos foram transformados em realidade material e física (2004). Para a autora, a análise de cenários encontrados no registro arqueológico pode lançar luz com relação a aspectos culturais e outros relativos à organização social. Robb, nessa mesma linha, enfatiza que para inferir as ações humanas no passado é preciso antes contextualizá-las, caracterizando as relações socialmente produtivas, identificadas a partir dos materiais arqueológicos que participaram e mediaram as relações entre diferentes pessoas (2010).

De acordo com Robb, a agência material difundida por Latour transferiu o foco de atenção da vida social, no que se refere aos laços existentes entre pessoas e coisas, para as relações entre elas. O propósito dessa abordagem é interpretar a ação social não em termos de protagonistas humanos que se colocam face a face com objetos passivos, mas evidenciar as relações heterogêneas entre seres humanos, práticas coletivas diárias, corpos de conhecimento e coisas materiais, delineando o que pode ser compreendido como agência relacional.

Essa visão de agência relacional, segundo Robb, pode ser inferida arqueologicamente a partir de significados estruturais, genéricos e contextuais que são simultâneos e interdependentes (2010: 506). Um exemplo de construção dessa rede de significados pode ser uma vasilha cerâmica cujos princípios estruturais podem fazer referência ao simbolismo da cor, sendo esses preceitos estilísticos do design relacionados a gênero ou valores de classe, que se voltam para muitos campos da ação. A vasilha pode ainda incorporar significados genéricos

que derivam do tipo de ação social da qual ela participa, como no caso de uma vasilha associada a um alimento específico ou bebida consumida num contexto particular, ou um esquema de design apropriado para esse tipo de artefato. Ao mesmo tempo essa mesma vasilha pode se referir a significados contextuais, relativos a como esse pote específico se associa ao tipo de pote que é, ou como seus usuários se relacionam ao tipo de usuário ideal que se espera ter para esse pote – por exemplo uma versão bem executada ou ricamente decorada, um exagero intencional de alguns traços, ou ainda detalhes adicionais que indiquem afiliações pessoais do usuário.

A COMPREENSÃO RELACIONAL E A EVIDÊNCIA ARQUEOLÓGICA

Na antropologia amazônica, as práticas alimentares têm servido para pensar a socialidade indígena, ligada principalmente ao debate da constituição das relações de parentesco, por meio da comensalidade. Fausto afirma que “a fabricação de parentesco na Amazônia converge para o universo da cozinha e da partilha alimentar” (2002:8). Para compreender a produção de pessoas e da socialidade amazônica, o autor articula a noção de comensalidade à ideia de predação familiarizante ligada à caça (2002, 2007). Já entre os Kanamari, povo de língua katukina), que habita o extremo oeste da Amazônia brasileira, a “comensalidade caracteriza as refeições comunais cujo sentido é produzir e propagar as relações de parentesco, possíveis somente como consequência de atos prévios de alimentação” (Costa, 2013: 474). Desse modo, a comensalidade compreende a constituição de laços harmoniosos de partilha e produção de alimentos, entre pessoas envolvidas em atividades produtivas, com base na divisão sexual do trabalho.

Diferente dos antropólogos, abordar como essas relações ocorreram no passado é algo que não está ao alcance dos arqueólogos. A análise funcional da cerâmica e os dados contextuais do registro arqueológico do sítio Ilha Dionísio permitiram evidenciar expressões materiais das relações entre as pessoas e os artefatos, ligadas às refeições comunais. A etnografia de Overing contribuiu para ampliar a compreensão dos contextos arqueológicos aqui expostos. Aliada às teorias antropológicas e arqueológicas, voltadas ao entendimento da materialidade, essa estratégia metodológica possibilitou imaginar de modo dinâmico os arranjos materiais que no passado se constituíram e participaram ativamente da manutenção da vida social.

Overing ao estudar os índios Piaroa, descritos como típicos grupos guianenses, sem expressões sociais de diferenças e distinções de grupo, que vivem nos tributários do rio Orinoco, na Venezuela – observa que esses enfatizam os assuntos da vida diária. Ou seja, o cotidiano está imerso na cosmologia do grupo, que valoriza e ritualiza as habilidades das mulheres de cozinhar e dos homens de

preparar a roça. Essas práticas, segundo ela, produzem um tipo de homogeneidade material que é criado pelos laços de mutualidade, de uma vida em comum, que objetiva alcançar uma *comunidade de similares* (1991, 1999, 2003).

Na antropologia do cotidiano, o trabalho de alimentar, arrumar e limpar não é visto como invisível, sendo por meio dessas práticas diárias que se constrói o social (Overing, 1991, 1999, 2003; Overing e Passes, 2002). O senso de comunidade se desenvolve entre os índios Piaroa a partir de seus laços de mutualidade, valorizando o convívio e a socialidade. Segundo Overing, os Piaroa enaltecem as habilidades necessárias para a vida social, pois afirmam que são eles mesmos os que fazem (plantar, fabricar artefatos, fiar algodão e construir casas). Portanto, a filosofia social do grupo reforça sempre a cooperação e o bem-estar no interior da comunidade.

A noção de multifuncionalidade das vasilhas, que se estabelece a partir das análises realizadas, vai muito além da ideia de alternância funcional (Skibo, 2015) ou de codependência (Hodder, 2014). Seu entendimento encontra respaldo na compreensão da agência relacional (Latour, 2012 [2005]) entre artefatos e pessoas, sendo essa vivida em ambos os espaços associados às práticas coletivas. As vasilhas utilitárias também são vistas como atores, envolvidos de diferentes maneiras nas relações diárias de subsistência dos habitantes da antiga aldeia, nos rituais baseados no consumo de bebidas fermentadas e nos espaços funerários, onde irão mediar as relações entre os vivos e os mortos. Essas vasilhas figuram como receptáculos dos mortos, mas também como acompanhamentos, além de estarem implicadas nas cerimônias coletivas com a preparação e o consumo de alimentos e bebidas. Desse modo, essa agência relacional, visível materialmente no registro arqueológico, pode denotar o senso de comunidade que se desenvolveu no passado, de acordo com o qual pessoas e vasilhas estiveram empenhadas na arte de alimentar.

Os dados contextuais, juntamente com as análises funcionais da cerâmica (Figura 4), auxiliaram a construir hipóteses para pensar as ações dos seres humanos e dos artefatos no passado. São os espaços domésticos e funerários, bastante demarcados no registro arqueológico, com a presença de artefatos utilitários que transitam por ambos, que de fato reforçam a percepção de importância das práticas de refeições comunitárias. Esses elementos fornecem indicadores para compreender que as práticas do cotidiano eram o campo a partir do qual as pessoas exerciam suas habilidades para manter o convívio social.

Ainda que valores e concepções de mundo tenham sido materializados de um modo muito mais sutil do que se tivessem sido inferidos a partir de artefatos portadores de símbolos de grande visibilidade, a ausência desses últimos também é informativa sobre o tipo de sociedade que se estabelece num contexto regional de grande diversidade cultural, durante os séculos X-XII d.C. Em oposição às formações complexas e hierárquicas que nessa época supostamente

emergiram na região do rio Madeira, outras comunidades a exemplo dessa evidenciada no sítio Ilha Dionísio parecem ter se caracterizado por um modo de vida com maior fluidez social. A homogeneidade do material cerâmico demonstra a inexistência de possíveis diferenças sociais e hierárquicas. A vida comunitária parece ter enaltecido uma socialidade com base nas práticas do cotidiano, sendo que parte disso foi expresso no registro arqueológico, cuja luz pôde ser lançada aos aspectos culturais.

Angislaine Freitas Costa é licenciada e Bacharel em História pela Universidade Federal de Rondônia-UNIR. Mestre e doutoranda em Arqueologia pelo Museu Nacional-UFRRJ. Pesquisadora do grupo de pesquisa Arqueologia na Amazônia Meridional (GPAAM).

Denise Maria Cavalcante Gomes é professora do Departamento de Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu Nacional UFRJ. Pesquisadora do CNPq. Bolsista de produtividade em Pesquisa do CNPq. Autora de *Cerâmica Arqueológica da Amazônia* (2002), *Cotidiano e Poder na Amazônia Pré-Colonial* (2008) e diversos artigos sobre arqueologia brasileira.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia do Museu Nacional PPGArq/UFRRJ; ao CNPq e FAPERJ pela bolsa de mestrado concedida à primeira autora; à Scientia Consultoria Científica pelo apoio e disponibilização das datações e dados de campo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Benjamin
2013 “Archaeology and Ontologies of Scale: The Case of Miniaturization in First Millennium Northwest Argentina”. In ALBERTI, Benjamin; JONES, Andrew Meirion; and POLLARD, Joshua (orgs). *Archaeology After Interpretation: Returning Materials to Archaeological Theory*. Estados Unidos, Walnut Creek, Left Cost Press, pp.43-58.

ALBERTI, Benjamin; e MARSHALL, Yvonne

2009 “Animating Archaeology: Local Theories and Conceptually Open-Ended Methodologies”. *Cambridge Archaeological Journal*, v.19, n.3: 345-357.

ALMEIDA, Fernando

2013 *A tradição policroma no alto rio Madeira*. São Paulo, tese de doutorado, Universidade de São Paulo.

BARCELOS NETO, Aristóteles

2009 “The (De) Animalization of Objects: Food Offerings and the Subjectivization of Masks and Flutes among the Wauja of Southern Amazonia”. In SANTOS-GRANERO, F. (org.). *The Occult Life of Things: Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood*. Tucson, University of Arizona Press, pp. 128-153.

BINFORD, Lewis Roberts

1967 “Smudge Pits and Hide Smoking: The Use of Analogy in Archaeological Reasoning”. *American Antiquity*, v. 32: 1–12.

1968 *New Perspectives in Archaeology*. Nova York, Ed. Aldine Pub. Co.

BRAY, Tamara

2009 “Animating Archaeology: Subjects, Objects and Alternative Ontologies. Special Section”. *Cambridge Archaeological Journal*, v. 19, n. 3: 357-66.

CABRAL, Mariana Petry; e SALDANHA, João Darcy de Moura

2008 “Paisagens megalíticas na costa norte do Amapá”. *Revista de Arqueologia*, v1, n. 21: 09-26.

COSTA, Angislaine

2016 *A multifuncionalidade da cerâmica no sítio Ilha Dionísio, alto rio Madeira/RO*. Rio de Janeiro, dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

COSTA, Luiz

2013 “Alimentação e comensalidade entre os Kanamari da Amazônia Ocidental”. *Mana Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3: 473-504.

CRUZ, Daniel

2008 *Lar, doce lar? Arqueologia Tupi na bacia do Ji-Paraná (RO)*. São Paulo, Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo.

DEBOER, Warren; e LATHRAP, Donald

1979 "The Making and Breaking of Shipibo-Conibo Ceramics". In KRAMER, Carol (org.). *Ethnoarchaeological: Implications of Ethnography for Archaeological*. Guilford, Nova York, Columbia University Press, pp. 102-138.

DeMARRAIS, Elizabeth

2004 "The Materialization of Culture". In DeMarrais, E.; Gosden, C.; e Renfren, C. (orgs.). *Rethinking Materiality*. Cambridge, MacDonald Institute, pp. 11-22.

DIETLER, Michael

2001 "Theorizing the Feast: Ritual of Consumption, Commensal Politics, and Power in African Contexts". In DIETLER, M. e Hayden, B. (orgs.). *Feasts Archaeological and Ethnographic Perspectives on Food, Politics, and Power*. Washington e Londres, Smithsonian Institution Press, pp. 65-114.

FAUSTO, Carlos

2002 "Banquete de gente: canibalismo e comensalidade na Amazônia". *Mana Estudos de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2: 7-44.

2007 "Feasting on People: Cannibalism and Commensality in Amazonia". *Current Anthropology*, v. 28: 497-530.

GELL, Alfred

1998 *Art and Agency: An Anthropological Theory*. Oxford, Ed. Clarendon Press.

GOMES, Denise Maria Cavalcante

2002 *Cerâmica arqueológica da Amazônia: vasilhas da coleção tapajônica MAE-USP*. São Paulo, Ed. Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial.

2008 *Cotidiano e poder na Amazônia pré-colonial*. São Paulo, Ed. Edusp.

2011 "Cronologia e conexões culturais na Amazônia". *Revista de Antropologia*, USP, v. 54, n.1: 269-314.

2017 "Politics and Ritual in Large Villages in Santarém, Lower Amazon, Brazil". *Cambridge Archaeological Journal*, v. 27, n. 2: 275-293.

GOW, Peter

1991 *Of Mixed Blood: Kinship and History in Peruvian Amazonia*. Oxford, Clarendon.

GUAPINDAIA, Vera

- 2001 “Encountering the Ancestors: The Maracá Urns”. In McEWAN, Collin; BARRETO, Cristiana; e NEVES, Eduardo (orgs.). *The Unknown Amazon. Culture and Nature in Ancient Brazil*. Londres, The British Museum Press, pp. 156-173.
- 2008 “Prehistoric Funeral Practices in the Brazilian Amazon: The Maraca urns”. In SILVERMAN, Helaine e ISBELL, William (orgs.). *Handbook of South American Archaeology*. Nova York, Springer, pp. 1005-1026.

HECKENBERGER, Michael

- 2001 “Estruturas, história e transformação: a cultura xinguana na *longue durée*, 1000-2000 D.C”. In FRANCHETTO, Bruna e HECKENBERGER, Michael (orgs.). *Povos do Alto Xingu: História e Cultura*. Rio de Janeiro, Editora da UFRJ, pp. 21-62.
- 2005 *The Ecology of Power: Culture, Place and Personhood in the Southern Amazon, A.D. 1000–2000*. Nova York, Routledge.

HECKENBERGER, Michael; RUSSEL, Christian; FAUSTO, Carlos et al.

- 2008 “Pre-Columbian Urbanism, Anthropogenic Landscapes, and the Future of the Amazon”. *Science*, v. 321, n. 5893: 1214-1217.

HENARE, Amiria; HOLBRAAD, Martin; e WASTELL, Sari

- 2007 *Thinking through Things: Theorising Artefacts Ethnographically*. Londres, Routledge.

HILBERT, Lautaro; NEVES, Eduardo Goés; PUGLIESE, Francisco et al.

- 2017 “Evidence for Mid-Holocene Rice Domestication in the Americas.” *Nature Ecology & Evolution*, v. 1: 1693-1698.

HILBERT, Peter Paul; e HILBERT, Klaus

- 1980 “Resultados preliminares da pesquisa arqueológica nos rios Nhamundá e Trombetas: Baixo Amazonas”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, v. 75: 1-15.

HODDER, Ian

- 1983 *The Present Past*. Nova York, Pica Press.
- 2014 “The Entanglements of Humans and Things: A Long-Term View”. *New Literary History*, v. 45, n. 1: 19-36

HOLBRAAD, Martin

2009 "Ontology, Ethnography, Archaeology: An Afterword on the Ontography of Things". *Cambridge Archaeological Journal*, vol. 19, n. 3: 431-441.

HUGH-JONES, Stephen

2009 "The Fabricated Body: Objects and Ancestors in Northwest Amazonia". In SANTOS-GRANERO, F. (org.). *The Occult Life of Things: Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood*. Tucson, University of Arizona Press, pp. 33-59.

KIPNIS, Renato

2011 "Amazonian Anthropogenic Soils'Antiquity at Upper Rio Madeira, Northwestern Amazon, and Its Implications for the Colonization of South American Neotropics". *Abstracts of the SAA 76th Annual Meeting*, Sacramento, California.

LA SALVIA, Fernando; e BROCHADO, José Proença

1989 *Cerâmica guarani*. Porto Alegre, Ed. Posenato Arte & Cultura.

LAGROU, Els

2009 "The Crystallized Memory of Artifacts: Reflection on Agency and Alterity in Cashinahua Image-Making". *The Occult Life of Things: Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood*. Tucson, University of Arizona Press, pp. 192-213.

LAMOTTA, Vincent; e SCHIFFER, Michael

1999 "Formation Processes of House Floor Assemblages". In ALLISON, Penelope (org.). *The Archaeology of Household Activities*. Londres, Routledge, pp. 19-29.

LATOUR, Bruno

2012 [2005] *Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede*. Trad. Gilson César Cardoso de Souza. Salvador e Bauru, Edufba e Edusc, 399 p.

LIMA, Tânia Stolze

1996 "O dois e seu múltiplo: reflexão sobre o pespectivismo e uma cosmologia Tupi". *Mana*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2: 21-47.

MACHADO, Juliana Sales

- 2005 *Montículos artificiais na Amazônia Central: um estudo de caso do sítio Hatahara*. São Paulo, dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

MIGLIACCIO, Maria Clara

- 2002 “A ocupação indígena do Pantanal de Cáceres, Alto Paraguai – do período pré-colonial aos dias atuais”. *Revista do Museu Antropológico*, v.5/6, n.1: 213-250.
- 2006 *O doméstico e o ritual: cotidiano Xaray no alto Paraguai até o século XVI*. São Paulo, tese de doutorado, Universidade de São Paulo.

MILLER, Eurico

- 1983 *História da cultura indígena do Guaporé (Mato Grosso e Rondônia)*. Porto Alegre, dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- 1987 *Inventário arqueológico da bacia e sub-bacias do rio Madeira (1974-1987)*. Relatório, São Paulo, Consórcio Nacional de Engenheiros Construtores S.A.
- 1992 “Adaptação agrícola pré-histórica no alto rio Madeira”. In MEGGERS, B. (org). *Prehistoria sudamericana. nuevas perspectivas*. Washington, Taraxacum, pp. 219-229.
- 2009 “A cultura cerâmica do tronco Tupí no alto Ji-Paraná, Rondônia – Brasil”. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v.1, n. 1: 35-136.
- 2013 “Algumas culturas ceramistas, do noroeste do Pantanal do Guaporé à encosta e altiplano sudoeste do Chapadão dos Parecis. Origem, difusão/ migração e adaptação – do Noroeste da América do Sul ao Brasil”. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, Brasília, v. 5, n. 2: 335-383.

MILLER, Eurico. et al

- 1992 *Arqueologia nos empreendimentos hidrelétricos da Eletronorte*. Brasília, Eletronorte.

MILLER, Joana

- 2009 “Things as Persons: Body Ornaments and Alterity Among The Mamaindê (Nambikwara)”. In SANTOS-GRANERO, F. (org.). *The Occult Life of Things: Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood*. Tucson, Arizona University Press, pp. 69-97.

MONGELÓ, Guilherme

2016 *O formativo e os modos de produção: ocupações pré-ceramistas no alto rio Madeira-RO*. São Paulo, dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

MORAES, Claide

2013 *Amazônia ano 1000: territorialidade e conflito no tempo das chefias regionais*. São Paulo, tese de doutorado, Universidade de São Paulo.

MORAES, Claide; e NEVES, Eduardo Goés

2012 “O ano 1000: adensamento populacional, interação e conflito na Amazônia Central”. *Amazônica: Revista de Antropologia*, v. 4: 122-148.

NEVES, Eduardo Goés

2012 *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central (6.500 AC—1.500 DC)*. São Paulo, tese de livre docência, Universidade de São Paulo.

NOELLI, Francisco Silva

1993 *Sem Tekoha não há Tekó: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de Domínio no Delta do Rio Jacuí-RS*. Porto Alegre, dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul-Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

OVERING, Joanna

1991 “A estética da produção: o senso de comunidade entre os Cubeos e os Piaroa”. *Revista de Antropologia da USP*, São Paulo, v. 4, n. 34: 7-33.

1999 “Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica”. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1: 81-107.

2003 “In Praise of the Everyday: Trust and the Art of Social Living in an Amazonian Community”. *Ethnos: Journal of Anthropology*, Londres, Routledge, v. 68, n. 3: 296-316.

OVERING, Joanna; e PASSES, Alan

2002 “Introduction: Conviviality and the Opening up of Amazonian Anthropology”. In OVERING, Joanna e PASSES, Alan (orgs.). *The Anthropology of Love and Sanger: The Aesthetics of Conviviality in Native Amazonia*. Londres, Routledge, pp. 1-30.

PESSOA, Cliverson

2015 *Os contextos arqueológicos e a variabilidade artefactual da ocupação Jatuarana no alto rio Madeira*. Belém, dissertação de mestrado, Universidade Federal do Pará.

PUGLIESE, Francisco; ZIMPEL NETO, Carlos; e NEVES, Eduardo Goés

2017 “Los concheros de la Amazonia y la historia indígena profunda de América del Sur”. In ROSTAIN, S. e BETANCOURT, C. J. (orgs.). *Las siete maravillas de la Amazonia Precolombina*. La Paz, Dd. Plural, n, 53, pp. 27-46.

PY-DANIEL, Anne

2015 *Os contextos funerários na arqueologia da calha do rio Amazonas*. São Paulo, tese de doutorado, Universidade de São Paulo.

RAYMOND, Scott James

1995 “From Potsherds to Pots”. In STHAL, P. (org). *The Lowland American Tropic*. Cambridge University Press, Cambridge, pp. 224-42.

RAVN, Mads

2011 “Ethnographic Analogy from the Pacific: Just as Analogical as Any Other Analogy”. *World Archaeology*, v.43, n. 4: 716-725.

RICE, Prudence

1987 *Pottery Analysis: A Sourcebook*. Chicago, University of Chicago Press.

ROBB, John

2010 “Beyond Agency”. *World Archaeology*, v. 42, n. 4: 493-520.

ROOSEVELT, Anna

1991 *The Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil*. São Diego, Academic Press.

SANTOS-GRANERO, Fernando

2009 *The Occult Life of Things: Native Amazonian Theories of Materiality and Personhood*. Tucson, University of Arizona Press.

SCHAAN, Denise Pahl

- 2003 “A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um cacicado marajoara”. *Revista de Arqueologia*, v. 16: 31-45.
- 2004 *The Camutins Chiefdom: Rise and Development of Complex Societies on Marajó Island, Brazilian Amazon*. Pittsburgh, tese de doutorado, Universidade de Pittsburgh.
- 2007a “Os filhos da serpente: rito, mito e subsistência nos cacicados da Ilha de Marajó”. *International Journal of South American Archaeology*, v. 1, n. 1: 50-56.
- 2007b “A arte da cerâmica marajoara: encontro entre o passado e o presente”. *Habitus*, Goiás, v.5: 99-117.

SCHIFFER, Michael

- 1972 “Archaeological Context and Systemic Context”. *American Antiquity*, v. 37, n. 2: 156-165.
- 1991 “Los procesos de formación del registro arqueológico”. *Boletín de Antropología Americana*, n. 23: 39-45.

SCIENTIA CONSULTORIA

- 2010 *Projeto de arqueologia preventiva nas áreas de invenção do AHE Santo Antônio, RO*. São Paulo, Relatório.
- 2011 *Arqueologia preventiva nas áreas de intervenção do AHE Santo Antonio, RO: relatório do resgate arqueológico na área do canteiro*. São Paulo.

SHEPARD, Anna

- 1956 *Ceramics for the Archaeologist*. Washington, Carnegie Institution of Washington.

SILVA, Fabíola

- 2003 “Grupo doméstico e a produção cerâmica dos Asurini do Xingu. Uma contribuição para os estudos de Household Archaeology”. *Análisis, Interpretación y Gestión en la Arqueología de Sudamérica*, Olavarria, v. 2: 151-164.

SKIBO, James

- 1992 *Pottery Function: A Use-Alteration Perspective*. Nova York e Londres, Ed. Plenum Press
- 2015 “Pottery Use-Alteration Analysis”. In MARREIRO, J.; BICHO, N.; e GIBAJA, J. F. (orgs.). *Use-Wear and Residue Analysis in Archaeology. Manuals in Archaeological Method, Theory and Technique*. Nova York, Springer, pp. 189-198.

SWENSON, Edward

- 2015 “The Materialities of Place Making in the Ancient Andes: A Critical Appraisal of the Ontological Turn in Archaeological Interpretation”. *Journal of Archaeological Method and Theory*, v. 22, n. 3: 667-712.

THOMAS, Julian

- 2015 “The Future of Archaeological Theory”. *Antiquity*, v. 89, n. 348: 1287-1296.

TIZUKA, Michelle Mayumi; SANTI, Juliana Rossato; KIPNIS, Renato

- 2013 “Um olhar além rio: ocupações pretéritas entre ilhas e cachoeiras no Alto Rio Madeira-RO”. In RUBIN, J. C. e RUBIN, R. T. (orgs.). *Geoarqueologia*, Goiânia, v. 2: 113-134.

TRIGGER, Bruce Graham

- 2004 [1989] *História do pensamento arqueológico*. São Paulo, Ed. Odysseus.

VAN DEN BEL, Martjin

- 2015 “Rituais funerários e deposição cerâmica nos sítios AM 41 e La Point de Balaté: repensando o período cerâmico tardio na planície costeira oeste da Guiana Francesa”. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 10, n. 1: 11-45.

VILAÇA, Aparecida

- 1992 *Comendo como gente: formas do canibalismo wari*. Rio de Janeiro, Ed. da UFRJ.
- 1998 “Fazendo corpos: reflexões sobre morte e canibalismo entre os Wari à luz do perspectivismo”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 41, n. 1: 9-67.
- 2002 “Making Kin Out of Others”. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, v. 8, n. 2: 347-365.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo

- 1996 “Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio”. *Mana. Estudos de Antropologia Social*, v. 2, n. 2: 115-144.
- 2002 *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify.
- 2012 “Cosmological perspectivism in Amazonia and elsewhere”. *Hau - Journal of Ethnographic Theory*, v. 1: 45-168.

WOBST, Martin

1978 "The Archaeo-Ethnology of Hunter-Gatherers or the Tyranny of the Ethnographic Record in Archaeology". *American Antiquity*, v.43, n. 2: 303-9.

WYLIE, Alison

2002 *Thinking from Things: Essays in the Philosophy of Archaeology*. Berkeley, University of California Press.

YELLEN, John

1977 *Archaeological Approaches to the Present: Models for Reconstructing the Past*. Nova York, Ed. Academic Press.

ZIMPEL NETO, Carlos Augusto

2009 *Na direção das periferias extremas da Amazônia: arqueologia na bacia do rio Ji-Paraná, Rondônia*. São Paulo, dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.

ZUSE, Silvana

2014 *Variabilidade cerâmica e diversidade cultural no alto rio Madeira, Rondônia*. São Paulo, tese de doutorado, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.

Recebido em 16 de fevereiro de 2016. Aceito em 19 de junho de 2018.